

A criatividade na escola: a importância dos mediadores simbólicos segundo L. S. Vigotski

Creativity at school: the importance of symbolic mediators according to L. S. Vigotski

Tatiana Teixeira Jorge
Ailton Pereira Morila

Resumo: Este artigo surgiu da necessidade de compreender a criatividade na escola por meio de mediadores simbólicos, a saber os signos (desenho, escrita, teatro). L.S. Vigotski importante psicólogo e educador do século XX deixou sua contribuição a respeito do trabalho com signos a ser realizado pelo âmbito escolar. Portanto o objetivo dessa pesquisa foi trazer o pensamento do autor soviético sobre signos mediadores e como os mesmos podem ser trabalhados em sala de aula. Esses signos podem ser excelentes auxiliares no desenvolvimento da criatividade nos escolares, entendendo que toda a atividade humana não se restringe apenas a mera reproduções, mas o ser humano é um ser que está em constante processo de criação. Vigotski destaca que para o desenvolvimento de sujeitos criativos os professores em seu trabalho com os signos devem entender que o desenho, a escrita e o teatro devem surgir da necessidade e os escolares devem compreender a real necessidade de usar tais instrumentos psicológicos para depois saber como operar com os mesmos. Nesse sentido saber desenhar, escrever e encenar vai muito além, decorre de um processo complexo e prolongado, requer que o sujeito esteja completamente envolvido com o processo e tal atividade. Para responder ao objetivo proposto este trabalho realizou uma pesquisa de cunho bibliográfico de textos de Vigotski que versam sobre a temática escolhida.

Palavras-chave: Criatividade; Mediação simbólica; Signos; Desenho; Escrita; Teatro.

Abstract: This article arose from the need to understand creativity at school through symbolic mediators, namely signs (drawing, writing, theater). L.S. Vygotsky, an important psychologist and educator of the 20th century, left his contribution regarding the work with signs to be carried out by the school environment. Therefore, the objective of this research was to bring the thought of the Soviet author about mediating signs and how they can be worked in the classroom. These signs can be excellent aids in the development of creativity in schoolchildren, understanding that all human activity is not restricted to mere reproductions, but the human being is a being that is in a constant process of creation. Vygotsky emphasizes that for the development of creative subjects, teachers in their work with signs must understand that drawing, writing and theater must arise from necessity and schoolchildren must understand the real need to use such psychological instruments and then know how to operate. with the same. In this sense, knowing how to draw, write and stage goes much further, it stems from a complex and prolonged process, it requires the subject to be completely involved with the process and such activity. In order to respond to the proposed objective, this work carried out a bibliographic research of Vygotsky's texts that deal with the chosen theme.

Keywords: Creativity; Symbolic mediation; Signs; Drawing; Writing; Theatre.

Introdução



O objetivo deste artigo é apresentar ao leitor o pensamento de Vigotski (2014) com relação as formas de criatividade na escola, por meio dos mediadores simbólicos. Se levarmos em conta o conceito de mediação descrito pelo psicólogo soviético, o espaço escolar, local de relações humanas a serem trabalhadas deve proporcionar aos alunos o contato com os diversos mediadores existentes. Estes por sua vez estarão contribuindo para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores como também serão instrumentos para exercer a atividade criativa nos alunos.

É preciso destacar que para Vigotski a apropriação desses mediadores, em especial os signos, não acontece de uma hora para outra mas sim é decorrente de um processo prolongado e complexo. Neste processo, o aluno é levado em primeiro momento a utilizar os signos como uma necessidade e posteriormente como um instrumento de sua atividade psicológica (Vigotski, 2007;2009).

Em sala de aula o aluno recorrerá a inúmeras atividades que usam signos em sua composição (desenho, escrita, leitura, sistemas de números, mapas). É preciso pensar se tais atividades são utilizadas como meios de desenvolver no aluno formas de criatividade ou apenas meras reproduções.

Sobre a criatividade, enquanto marxista, Vigotski (2014) é bem claro em afirmar que o ser humano não é apenas um ser reproduzidor de seu mundo, mas é também um ser que cria e combina. Nesse sentido, entendemos que para o autor a atividade criadora humana é a que mais estará contribuindo para que os sujeitos possam vir a aprender e desenvolver suas funções psicológicas superiores.

Surge, dessa forma uma pergunta. Como a escola deve proporcionar espaço para que a criatividade ganhe lugar? Espaço que não seja apenas reproduzidor, mas um ambiente em que os alunos possam defrontar com os mediadores existentes e possam usá-los como ferramentas de sua própria atividade psicológica.

Desse modo, este artigo apresentará alguns mediadores que Vigotski analisou para a escola como exemplo: o desenho e a escrita. Será tratado também o teatro que possui mediadores em sua composição. Procurando,



dessa forma compreender como os mesmos podem ser uma importante ferramenta para desenvolver a criatividade nos alunos e como tais mediadores podem ser apresentados pelo professor na visão de Vigotski. Como metodologia de trabalho, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico de textos de Vigotski que versam sobre a temática estudada.

A criatividade segundo Vigotski

Para tratar o conceito de “*Criatividade*”, e os mediadores pensados por Vigotski para a educação, este estudo fará uso de uma obra do autor de 1930, intitulada “*Imaginação e criatividade na infância*”¹. Escrita em seus anos finais de vida, Vigotski (2014) apresenta oito capítulos que tratam sobre os conceitos de criatividade e imaginação, sobre o desenho infantil, teatro e a criação literária. Além desse ensaio este artigo usará o texto “Educação estética”, presente em sua obra “*Psicologia Pedagógica*”, de 1926 e o texto “Pré-história da linguagem escrita”.

Estes textos trarão a visão de Vigotski sobre como os professores podem trabalhar os mediadores em sala de aula de forma que espaço escolar possa ser um ambiente que proporcione a criatividade dos alunos.

Vigotski (2014) em seu texto “*Criatividade e Infância*”, apresenta o que seria a criatividade. Diferente da reprodução, para ele a atividade criativa possui características próprias, atividade tal que permite ao ser humano criar algo novo, por isso ele afirma:

Toda a atividade humana que não restringe à reprodução de fatos e impressões vividas, mas que cria novas imagens e ações, pertence a essa segunda função criadora ou combinatória. O cérebro não é apenas um órgão que se limita a conservar ou reproduzir nossas experiências passadas, mas é também um órgão combinatório, criador, capaz de reelaborar e criar, a partir de elementos de experiências passadas, novos princípios e abordagens (Vigotski, 2014, p. 3).

¹ O livro *imaginação e criatividade na infância* foi escrito por Vigotski em 1930, sendo uma obra de referência da psicologia da criatividade. Composto por oito pequenos capítulos, nesta obra o autor examina os conceitos de imaginação e de criatividade partindo das contribuições de Pavel Blonsky no campo da linguagem, Anatoli Bakushinsky e Georg Kerschensteiner na área do desenho infantil, Theodule Ribot na psicologia da imaginação criadora e Lev Tolstói na pedagogia da escrita criativa. Ver em Vigotski (2014) introdução por João Pedro Fróis.



Dessa forma entendemos que para o autor o ser humano não é mera reprodução de tudo que ele observa de seu mundo. Mas ele é capaz de criar sobre este mundo novos significados. Essa capacidade exclusiva dos seres humanos nos difere dos animais. O homem é capaz segundo Vigotski (2014) de ser um ser que projeta para o futuro, que cria e modifica o seu presente.

Portanto, na escola também teremos sujeitos que também desenvolverão suas capacidades criativas. Para isso a escola enquanto lócus de aprendizagem e desenvolvimento deve voltar sua atenção para os mediadores existentes que estarão contribuindo para que os alunos possam não apenas reproduzir algo existente limitando se apenas a atividade reprodutora, mas também criar com o auxílio dos mediadores simbólicos.

Nesse sentido quando o assunto é a mediação simbólica, a escola possui dois caminhos: a escola poderá formar apenas reprodutores de desenhos, da escrita e do teatro. Ou levar os alunos a serem criativos desenhistas, escritores, diretores e atores.

Vigotski (2014) quando apresenta sua visão estética defende que a atividade criadora é a mais importante pois é ela que será responsável pelo desenvolvimento das crianças e adolescentes. Entendendo, portanto o que seria “atividade criativa”, na visão do psicólogo soviético podemos então trazer os exemplos de mediadores simbólicos a serem trabalhados em sala de aula segundo o olhar de Vigotski.

Criatividade e o desenho

É bem conhecido que em idade precoce todas as crianças apresentam vários estágios de desenvolvimento em seus desenhos, já que o desenho é a expressão típica da idade pré-escolar em particular (Vigotski, 2014, p. 51).

Vigotski (2014) em sua obra “*Imaginação e criatividade na infância*”, nos deixa alguns exemplos importantes de signos a serem utilizados pela escola. Dando destaque ao desenho, a escrita e ao teatro. Esses exemplos são fundamentais até mesmo para compreendermos atividades que recorrem ao uso dos signos, compreendendo o papel dos signos na vida de crianças e adolescentes.



A respeito dos desenhos Vigotski (2014) afirma sobre este signo ser a forma preferencial de atividade artística das crianças em idade precoce. Para falar com propriedade dos desenhos ele recorre a psicologia alemã. Em seu capítulo “*O desenho na infância*”, ele faz referência a vários psicólogos que estudaram o desenho infantil. Podemos encontrar referência a E. Barnes que analisou mais de 15000 desenhos infantis, a K. Buhler, F. Levinstein e em destaque o psicólogo alemão George Kerschensteiner que estudou o desenvolvimento do desenho infantil. Além da psicologia alemã, Vigotski recorreu a outros psicólogos e entendedores sobre o desenho, a saber, J.Sully, psicólogo inglês; a A. Bakushinsky acadêmico e museólogo russo.

Desse modo, Vigotski apresenta em seu texto os quatro estágios criados por Kerschensteiner, estes que por sua vez a criança passa durante o desenvolvimento de seus desenhos. Podemos verificar que Vigotski se importa em analisar como a criança desenvolve sua criatividade artística.

Portanto, Vigotski (2007) descreve o que podemos verificar nos desenhos das crianças de acordo com sua idade e desenvolvimento. Marcam esses estágios os desenhos de memória, os desenhos de “raios x”, dito por Buhler. Por isso, encontramos a criança desenhando pernas que saem diretamente da cabeça sem pescoço, partes importantes sendo excluídas, desenhos de perfil que mostram o outro lado. E dessa forma os desenhos são realizados pelas crianças que mesmo não dominando a arte de desenhar sentem a necessidade do desenho.

Vigotski (2014, p. 52) afirma “A concentração das forças criativas da criança no desenho não se dá por acaso, mas deve-se à circunstância de ser o desenho o que permite à criança nessa idade expressar mais facilmente as suas inquietações”.

Em “*Psicologia Pedagógica*”, Vigotski (2010, p. 346) descreve o porquê o desenho é tão necessário para a criança,

O desenho infantil sempre é um fato alentador em termos educativos, embora vez por outra seja esteticamente feio. Ele ensina a criança dominar o sistema das suas vivências, vencê-las e superá-las e, segundo uma bela expressão, ensina a ascensão ao psiquismo. A criança que desenha um cão vence, supera e coloca-se acima da vivência imediata.



Apontando que desde muito cedo os pequenos gostam de desenhar mesmo sem serem estimuladas pelos adultos, Vigotski (2014) destaca que ao começar a idade escolar esse interesse pelo desenho começa a decair e até mesmo acaba desaparecendo. Destacando a idade de transição, o autor afirma que por volta dos 13 a 14 anos meninos e meninas começam a renunciar a atividade de desenhar em referência aos estudos de Barnes.

Porém, Vigotski destaca que o desenho pode ser uma importante ferramenta até mesmo para os adolescentes, desde que os mesmos, por meio do desenho possam aprofundar os seus sentimentos e necessidades expressando-os em imagens aquilo que de algum modo veio a sua consciência. Sem isso o desenho perderia o sentido para os adolescentes.

Temos um ponto muito importante a ser falado que é a valorização dos desenhos por parte da escola. A escola como local de apresentação dos signos a criança deve privilegiar a atividade de desenhar já que para o autor o desenho não é uma simples representação gráfica, nele estão contidos fatores importantes que significam muito para o desenvolvimento infantil. Dessa forma:

Vemos, assim, que o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente aspectos essenciais de objetos. Esses fatos nos fornecem os elementos para passarmos a interpretar o desenho das crianças como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita (Vigotski, 2007, p. 136).

Portanto, os desenhos das crianças não são apenas rabiscos, nele estão contidos segundo Vigotski (2007) muitas questões importantes, vindo no desenho infantil um elemento que contribui para o desenvolvimento da escrita na criança. Dessa maneira a escola deve ser um local que permita o ato de desenhar vindo no desenho possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento. Como o autor destaca, o desenho não deve ser deixado de lado em sala de aula, a escola deve favorecer e dar condições para que o mesmo possa ser praticado.

Vigotski (2010) quanto a educação estética enfatiza também que a escola deve voltar sua atenção para aquelas vivências que levam ao



surgimento do desenho e não na avaliação objetiva dos pontos e linhas. Desse modo,

Por isso o nivelamento e a correção do desenho infantil significam apenas uma grosseira interferência na estrutura psicológica da sua vivência e ameaça servir como obstáculo a tal vivência. Quando modificamos e corrigimos as linhas infantis talvez estejamos pondo uma ordem rigorosa na folha de papel à nossa frente, mas estamos desordenando e turvando o psiquismo infantil. Por isso a plena liberdade da criação infantil, a renúncia à tendência a equipará-lo à consciência do adulto e o reconhecimento de sua originalidade das suas peculiaridades constituem as exigências básicas na psicologia (Vigotski, 2010, p. 346).

Lembrando que o mesmo destaca que qualquer criatividade artística infantil deve ser observada o princípio de liberdade como condição essencial para qualquer criação. Assim ele afirma:

No desenvolvimento da criatividade artística infantil, incluindo as artes visuais, deve observar-se o princípio da liberdade como condição essencial de toda a criação. Isso quer dizer que as atividades criativas das crianças não devem ser obrigatórias nem impostas, e devem surgir apenas a partir dos interesses da própria criança. Por isso, o desenho não pode ser uma ocupação intensiva e geral para as crianças na idade de transição. No entanto, para as crianças mais bem dotadas e mesmo para as que não planejam ser futuros artistas profissionais, o desenho pode ter um significado cultural de enorme importância (Vigotski, 2014, p.107).

Para Vigotski (2007) assim como a escrita o trabalho com o desenho pela escola deve ser organizado de modo que ele torne necessário às crianças. Se o desenho é imposto, as cores de lápis a serem usadas são impostas pelos professores então as crianças não se expressarão em seu desenho tornando o apenas mecânico. O desenho deve ser uma forma necessária onde a criança é levada a se expressar por meio de um signo criado culturalmente. Esse mesmo desenho, tão necessário as crianças, deve ser entendido pela escola como um preparador para o desenvolvimento da linguagem escrita, onde a criança deve descobrir que além de desenhar coisas ela pode desenhar também a sua fala.



Criatividade e a escrita

A palavra permite expressar mais facilmente do que o desenho seus sentimentos mais complexos, especialmente de sua natureza interior (Vigotski, 2014, p. 66).

Como verificamos no tópico anterior, Vigotski (2014) afirmou que crianças pré-escolares gostam muito de desenhar, apresentando nesta fase da vida vários estágios de desenvolvimentos de seus desenhos e de certa forma, segundo o autor o desenho pode ser um ótimo recurso para o desenvolvimento da escrita na criança. Entretanto, na idade escolar, nesta fase do desenvolvimento o gosto pelo desenho começa a decair para dar lugar a outro tipo de obra criativa,

45

O desenho fica para trás como uma etapa já vivida, em seu lugar, como forma de expressão, começa a ser ocupado pela arte literária, que predomina sobre tudo no período de maturação sexual do adolescente. Alguns autores supõem que apenas a partir dessa idade se pode falar de criatividade literária nas crianças (Vigotski, 2014, p. 52).

Em seu texto “*Criatividade literária na idade escolar*”, Vigotski (2014) apresenta ao leitor as dificuldades que as crianças enfrentam quando o assunto é a criação literária. Diferente do desenho e da linguagem falada, a linguagem escrita se torna muito mais difícil para os pequenos escolares, requerendo dos mesmos domínio, esse que por sua vez as crianças em idade escolar ainda não possuem.

Diferentemente do ensino da linguagem falada, no qual a criança pode ser desenvolver por si mesma, o ensino da linguagem escrita depende do treinamento artificial. Tal treinamento requer atenção e esforços enormes, por parte do professor e do aluno, podendo dessa forma, tornar-se fechado em si mesmo, relegando a linguagem escrita viva em segundo plano. Em vez de se fundamentar nas necessidades naturalmente desenvolvidas das crianças e na sua própria atividade, a escrita lhe é imposta de fora, vindo das mãos dos professores. Essa situação lembra muito o processo de desenvolvimento de uma habilidade técnica, como, por exemplo, o tocar piano: o aluno desenvolve a destreza de seus dedos e aprende quais teclas deve tocar ao mesmo tempo que lê a partitura; no entanto, ele não está, de forma nenhuma, envolvido na essência da própria música (Vigotski, 2007, p. 126).



Vigotski (2007) quando estudou a história dos signos sabia que a linguagem escrita era uma ferramenta valiosa no desenvolvimento das sociedades. Ele destaca que a psicologia considerou a escrita como uma complicada habilidade dando pouca atenção à linguagem escrita como um sistema de símbolos e signos que faz parte do desenvolvimento cultural da criança. Desse modo, ele explica o que é a escrita:

Um aspecto desse sistema é que ele constitui um simbolismo de segunda ordem que, gradualmente, torna-se um simbolismo direto. Isso significa que a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais. Gradualmente, esse elo intermediário (a linguagem falada) desaparece, e a linguagem escrita converte-se num sistema de signos que simboliza diretamente entidades reais e as relações entre elas. Parece claro que o domínio de um tal sistema complexo de signos não pode ser alcançado de maneira puramente mecânica e externa; em vez disso, esse domínio é o culminar, na criança, de um longo processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas (Vigotski, 2007, p. 126).

Para o autor, esse sistema complexo que é a escrita não deve ser aprendido de forma mecânica como muitas vezes é feito. Não é levar a criança a ter uma habilidade motora. Saber escrever ou compreender o processo da escrita vai muito além, é preciso que o outro esteja envolvido neste processo.

Para Vigotski (2007), a criança só irá aprender adequadamente o funcionamento da língua escrita quando ela descobrir que a língua escrita é um conjunto de signos, sendo que o que se escreve tem uma função instrumental, funciona como um suporte para a memória e a transmissão de ideias e conceitos. A criança precisa saber que a escrita cumpre uma função, se tornou uma necessidade da humanidade. A escrita é requisitada de acordo com a necessidade da criança.

Logo, ele destaca que a escola deve favorecer a aprendizagem da linguagem escrita, ao contrário da linguagem falada que é sempre compreensível pela criança, a escrita requer da criança descobrir porque é necessário escrever. Sabendo a necessidade de escrever, o por que usamos a escrita, a criança poderá e saberá fazer uso da linguagem escrita como um instrumento.



Para Vigotski (2007) a criança em primeiro momento utiliza a escrita como uma necessidade e depois como instrumento do pensamento sabendo operar com ela. Logo a escrita enquanto signo será dominada pela criança durante os seus anos escolares. Para isso a escola deve compreender as diferenças que existem da linguagem falada para a linguagem escrita.

O autor soviético apresenta que crianças quando conversam sobre algo que é do seu interesse, as mesmas realizam descrições vivas e acertadas e a conversa se torna prazerosa. Mas se é pedido as crianças que façam um relato por escrito da mesma conversa que acabaram de ter, as descrições no papel se tornam pobres e forçadas. Ou seja, quando pegam a caneta o seu pensamento é travado e o trabalho com a escrita se torna assustador, chegando a criança a falar que não sabe o que escrever ou não tem ideias. Vigotski (2014, p. 54) explica o porquê disso,

A linguagem escrita é mais difícil porque tem as suas próprias leis, que diferem com frequência das leis do discurso oral, e a criança ainda não as domina bem, Muitas vezes as dificuldades que a criança experimenta na passagem para a linguagem escrita podem ser explicadas por razões internas profundas. A linguagem falada é sempre compreensível para a criança, pois resulta da comunicação viva com outras pessoas, constitui uma reação completamente natural, sendo uma resposta ao que acontece à sua volta e afetando-a pessoalmente. Ao passar para a linguagem escrita, muito mais abstrata e condicional, muitas vezes a criança não compreende por que é necessário escrever.

Vigotski (2014) chama atenção para que os professores tenham cuidado com o ensino da escrita de forma que ela não seja produzida de forma mecânica e artificial nas crianças. Levando sempre em consideração que a criança escreva sobre temas que ela compreenda e que essa escrita possa expressar seus sentimentos e emoções levando a mesma a compreender o quanto a mesma é necessária.

E como a escola pode desenvolver escritores criativos? Vigotski citando Blonsky afirma que para o trabalho com a linguagem escrita é mais adequado para as crianças pequenas notas, cartas ou pequenas histórias. Como exemplo, ele cita as cartas que no tempo dele era a forma de escrita mais frequente no mundo. Desse modo, as cartas se tornam tão necessárias já que



atendiam a necessidade de comunicação. O autor também afirma que as cartas devem ser endereçadas as pessoas ausentes que são do círculo da criança, cartas dirigidas a pessoas desconhecidas se tornam falsas e artificiais como também sem sentido para as crianças.

O autor nos apresenta que qualquer trabalho de escrita desenvolvido na escola deve fazer sentido para a criança e ela deve compreender o porquê a escrita é necessária, sem esse entendimento dificilmente ela terá gosto para escrever.

Vigotski (2014) verifica que crianças abandonadas sentem bastante vontade de escrever já que querem externalizar, por meio da escrita sua vida sofrida, seus sentimentos através de palavras. Podemos notar que a necessidade de se expressar gera o desejo pela escrita. Assim, entendemos que é muito mais vantajoso para a escola trabalhar uma escrita em que o aluno possa ser levado a expressar os seus sentimentos, entendendo que a escrita pode representar o seu estado emocional em palavras, no papel.

O professor precisa estar atento nas formas de escrita que predominam o seu tempo. Na época de Vigotski eram as cartas, os diários. E hoje? Quais as formas de trabalho com a escrita? Se somos moldados pelo tempo e pela experiência com determinada época, como a escrita deve ser trabalhada? Nesse sentido, o professor deve observar seus alunos e procurar compreender junto a eles a melhor forma de se trabalhar a escrita de forma que ela não esteja descontextualizada.

Se hoje com a internet e a tecnologia os alunos estão interessados em redes sociais ou jogos o professor tem em mãos um importante ponto de partida para o desenvolvimento da escrita. Sempre levando em consideração que os alunos compreendam para que é necessário escrever.

A escrita da criança está para a escrita dos adultos assim como o jogo da criança está para a vida. O jogo é necessário para a criança, tal como o é a escrita, principalmente, para o desenvolvimento do próprio autor, do meio em que a criança nasceu e em que vive (Vigotski, 2014, p. 79).

Para que a criatividade literária da criança de fato possa surgir é preciso segundo Vigotski (2014) organizar a vida e o contexto social das crianças de tal



modo que criem a necessidade e a possibilidade de criar. Como exemplo ele cita o trabalho pedagógico com revistas para o desenvolvimento da escrita:

[...] As mais diversas capacidades das crianças podem ser aqui aplicadas: as crianças que gostam de pintura e de desenho pintam e ilustram; as que têm tendência para a literatura escrevem; os que gostam de organizar dirigem as reuniões e distribuem o trabalho, os que gostam de copiar, colar e recortar, e que são a maioria, se dedicam com prazer a essas atividades. Em uma palavra, na elaboração de uma revista podemos encontrar uma ocupação para diversas capacidades e interesses das crianças. Os mais velhos e os mais capazes arrastam atrás de si os menos hábeis. E tudo isso se realiza naturalmente, sem qualquer pressão externa (Vigotski, 2014, p. 81).

Nesse sentido, é notável para Vigotski (2014) que a revista pode ser um importante recurso para a escola. Um recurso que ajuda no desenvolvimento da linguagem escrita na criança. Para o autor o maior valor da revista é que ela insere a escrita criativa da criança na sua própria vida, desse modo as crianças começam a compreender por que as pessoas têm necessidade da escrita. Fazendo com que a escrita torne para a criança uma atividade com sentido e imprescindível.

Quanto aos murais como um recurso para a escrita criativa, ele afirma:

Os murais escolares têm a mesma importância, ou até maior, pois permitem também juntar em um esforço coletivo os trabalhos de diferentes tendências das crianças e formas semelhantes de trabalho que estimulam a criatividade e a inventividade (Vigotski, 2014, p. 81).

Dessa forma, entendemos com Vigotski (2014, p. 84-85) que a criação literária permite a criança desenvolver a sua imaginação criativa, aprofundando, ampliando e aperfeiçoando a sua vida emocional, permitindo ao mesmo tempo a criança exercitar seus impulsos e hábitos criativos, dominando a linguagem humana que é segundo o autor a ferramenta mais sutil e complexa para formular e transmitir os pensamentos humanos, seus sentimentos, seu mundo interior.

Criatividade e o teatro

Assim como o desenho e a escrita, Vigotski (2014) destaca a importância do teatro², arte que ele se dedicou até o fim de sua vida. O autor possuía grande sensibilidade estética, e em vida realizou inúmeras críticas teatrais segundo a autora Marques (2015).

Muito antenado a essa arte, o mesmo destaca a importância do mesmo na vida criança e como ele pode ser um importante agente para aprendizagem e desenvolvimento infantil. Destacamos o teatro, pois ele fornece vários mediadores (signos) em sua composição, tais como a escrita (utilizada para escrever uma peça teatral), desenho (criação de cenário) a fala (diálogos entre os personagens) entre outros. Nesse sentido Vigotski (2014, p. 89) afirma:

A representação teatral está mais próxima e mais diretamente ligada às brincadeiras do que qualquer outra forma de expressão artística. Ela é a raiz de toda a criatividade infantil e por isso é a mais sincrética, isto é, contém em si elementos de várias modalidades de expressão artística. É por isso, sem dúvida, que a representação teatral infantil tem enorme valor, pois é fonte de inspiração e de material para diferentes aspectos da criatividade infantil

Entendedor do teatro, Vigotski (2014) destaca que com ele a criança pode desenvolver a sua criatividade. Quando a escola abre espaço para o teatro a criança se sente um ser ativo durante todo o processo. Por meio dele, as crianças compõem, improvisam, preparam a peça, ensaiam os papéis. O teatro se torna uma necessidade da criança, se torna um jogo completo e fascinante.

A preparação de uma peça segundo o autor envolve a criação de vestuário, decorações, crianças desenham, modelam, cortam, costuram. Todo esse processo estimula a imaginação das crianças. Desse modo, o autor deixa para a escola o exemplo dessa arte que fornece o contato com vários mediadores ao mesmo tempo, entendendo que o mesmo podem ser de extremo valor.

² O teatro fez parte da vida de Vigotski, muito antenado a essa arte, desde cedo frequentou teatros locais, trabalhou como coordenador do setor de teatro de sua cidade, como também se preocupou em escrever sobre ele. O trabalho de Marques (2015) aponta para resenhas teatrais e literárias de Vigotski de 1915 a 1926. A experiência com o teatro dava a ele propriedade para falar do mesmo.



Entretanto, assim como o desenho e a escrita, Vigotski (2014) entende que o teatro também deve partir de necessidades infantis e não ser imposto ou obrigatório pela escola. A criança deve compreender, estar ciente do por que escrevem uma peça teatral ou por que estão encenando, entender a finalidade desta arte. Sendo assim, ele enfatiza a melhor forma de trabalhar o teatro na escola,

Da mesma forma que na obra teatral, deve-se deixar que as crianças produzam toda a encenação do espetáculo. Impor a elas um texto alheio prejudica-as em sua psicologia infantil. Do mesmo modo, o objetivo e o caráter principal da peça devem estar no alcance da compreensão e dos sentimentos das crianças. As crianças relacionarão e combinarão todas as formas exteriores do teatro dos adultos, transportadas mecanicamente para a cena infantil; a criança é um mau ator para as outras crianças, mas é um excelente ator para si mesma, por isso, todo o espetáculo deve ser organizado de tal modo que elas sintam que atuam para si e sejam envolvidas por seu interesse pelo enredo da peça, pelo próprio desenrolar do evento, e não pelo resultado final. A grande recompensa deve ser o prazer que o espetáculo proporciona à criança pela sua preparação, pela representação teatral, e não pelo sucesso e pelos aplausos dos adultos (Vigotski, 2014, p. 91-92).

Assim Vigotski (2014) defende que a lei básica da criatividade infantil consiste que seu valor não reside no resultado, no produto de sua criação, mas no próprio processo. Sendo mais importante o fato de que elas foram as autoras e criadoras do que o que elas escreveram ou fizeram. As verdadeiras produções infantis devem ser feitas pelas mãos e imaginação das próprias crianças. Desse modo, os signos terão importância e significados para o escolar.

Considerações Finais

Verificamos que Vigotski (2014) voltou o seu olhar para a importância dos signos e o seu trabalho no meio educacional. Toda a criatividade humana pode ser desenvolvida partindo da necessidade. O domínio com os signos existentes é resultado de um desenvolvimento complexo. Desenhos, a escrita e o próprio teatro são necessários aos escolares. Mas não devem ser impostos. Crianças devem saber a necessidade desses meios auxiliares para então operar com eles como instrumentos psicológicos.



Verificamos que a escola pode realizar o seu trabalho pedagógico de forma a propiciar a utilização dos signos. O cuidado de Vigotski ao afirmar que as crianças devem saber porque desenharam, porque escreveram, porque dramatizam deve ser alvo de reflexão da escola.

Desenhar, escrever e dramatizar fazem parte da vida da criança e historicamente foram necessários durante o desenvolvimento do homem. Por isso, o autor prioriza partir o trabalho pelas necessidades dos sujeitos envolvidos, que com o tempo entenderão o porquê desenharam, escreveram e dramatizam. E saberão como operar com esses signos. De forma que possam dominar a arte de desenhar, a complexidade da linguagem escrita e a arte de encenar.

A educação deve organizar a aprendizagem de forma que os signos se tornem necessários às crianças. Como Vigotski (2007, p. 143) afirmou:

Se forem usadas apenas para escrever congratulações oficiais para os membros da diretoria da escola ou para qualquer pessoa que o professor julgar interessante (e sugerir claramente para as crianças) então o exercício da escrita passará a ser puramente mecânico e logo poderá entediar as crianças; suas atividades não se expressarão em sua escrita e suas personalidades não desabrocharão. A leitura e a escrita deve ser algo de que a criança necessite.

Em conclusão, a atividade com signos e a criação de sujeitos criativos deve partir da necessidade, compreensão de que os signos não podem ser apropriados mecanicamente mas devem fazer sentido, ter significado para os escolares envolvidos.

Referências

MARQUES, P. N. **O Vygótski incógnito**: escritos sobre arte (1915-1926). 2015. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa, Universidade de São Paulo, São Paulo. 307 p.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 561 p.

VIGOTSKI, L. S. A pré-história da linguagem escrita. In _____. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 125-145.



VIGOTSKI, L. S. Criatividade e imaginação. In_____. **Imaginação e criatividade na infância**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. 1-7.

VIGOTSKI, L. S. A criatividade teatral na idade escolar. In_____. **Imaginação e criatividade na infância**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. 88-93.

VIGOTSKI, L. S. O desenho na infância. In_____. **Imaginação e criatividade na infância**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. 95-112.

VIGOTSKI, L. S. A criatividade literária na idade escolar. In_____. **Imaginação e criatividade na infância**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, p. 51-85.

Sobre os autores

Tatiana Teixeira Jorge

tatianateixeirajorge@gmail.com

Graduada em Pedagogia pelo Ceunes-UFES. Mestra em Ensino na Educação Básica Pela UFES.

Ailton Pereira Morila

apmorila@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5080-3819>

apmorila@gmail.com Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Atualmente é professor associado do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Prometheus – Núcleo de Estudos Críticos (UFES). Professor permanente do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica do CEUNES-UFES.

